



REFLEXÕES DO PAPEL DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS

Rennan Alberto dos Santos Barroso ¹

RESUMO

O presente artigo pretende elucidar de forma sucinta neste artigo sobre o papel do Tradutor e Intérprete de Libras, as questões que contornar esse profissional, os contextos históricos que fizeram presente, as competências tradutórias e quais as estratégias de tradução. A principal questão é: O que contorna o papel do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais e Português? De mesmo modo, busca-se através de uma pesquisa bibliográfica esclarecer essa questão.

Palavras-chave: Tradutor e Interprete, Libras, Fluência, Procedimentos.

INTRODUÇÃO

O crescimento do número de Tradutores e Intérpretes de Libras têm aumentado consideravelmente na última década. No ano de 2015, o sétimo Exame Nacional de Proficiência na Libras, expressou dados significativos através de um relatório que contabilizaram a quantidade de aprovados naquele ano, 777 habilitados para o exercício da função de tradutor e intérprete de Libras e Português, além dos estudantes do curso de bacharelado Letras Libras, das Pós Graduações e Capacitação em Tradução e Interpretação Libras e Português. Ponderamos este número de aprovados e estudantes pequeno para a população brasileira de surdos em todas as idades.

O sujeito surdo é um indivíduo que supera barreiras comunicacionais, culturais e atitudinais no meio em que está inserido (ANSAY, 2009). Com a decreto 5.626 de 22 de setembro de 2005 que regulamenta a Lei 10.426 de 2002, apresentam o tradutor e o intérprete de Libras com significativo papel na promoção do acesso dos surdos em todos os espaços, de forma a romper todas as barreiras comunicacionais entres os participantes de um determinado contexto. Atualmente, a comunidade surda se mostra presente no que tange, a execução dos seus direitos. Conquistando espaços na sociedade, assim, acarretando uma demanda maior de

¹ Mestrado profissional em Educação Inclusiva (PROFEI) da Universidade Federal Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA -PA, rennan_barroso@hotmail.com



profissionais Tradutores e Intérpretes de Libras, resultando na contratação destes e na abertura de editais para concursos públicos que atenda as solicitações.

A lei 12.319 de 1º de setembro de 2010 trata da regulamentação da profissão de Tradutores e Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), além da formação, atribuições e os rigores técnicos para exercer a profissão. Essas leis possibilitaram uma gradual atuação de trabalho de interpretação em todos os âmbitos, decorrendo a ampliação deste, como campo de investigação. (LACERDA, 2011).

Salientamos, que os surdos reivindicam por tradutores e intérpretes de Libras com com formação e competências para o desempenho do seu papel, precisando ter conhecimentos específicos na área de tradução e interpretação, competências tradutórias e fluência em língua de sinais e na língua portuguesa.

As pesquisas acadêmicas é de essencial importância para a transmissão de conhecimento, contribuindo para a ascensão e desenvolvimento da sociedade. Com isso, os campos que contornam os estudos da tradução e interpretação de língua de sinais são contemplados com pesquisadores que dedicaram boa parte da sua vida em estudar tais fatos, objetivando a disseminação de práticas que levem a reflexão.

Pensando nisso, pretende-se elucidar de forma sucinta neste artigo sobre o papel do Tradutor e Intérprete de Libras, as questões que contornar esse profissional, os contextos históricos que fizeram presente, as competências tradutórias e quais as estratégias de tradução. A principal questão é: O que contorna o papel do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais e Português? De mesmo modo, busca-se através de uma pesquisa bibliográfica esclarecer essa questão.

METODOLOGIA

Exploraremos os procedimentos tradutórios, que foi realizado pelos pesquisadores Vinay e Darbelnet (2004), afirmando que possui vários métodos e procedimentos para fazer uma tradução.

Procedimento 1 - Empréstimo

Segundo Aubert (1998), empréstimo é uma parte do texto da língua fonte reproduzido na língua de chegada com ou sem marcadores, podendo ser nomes próprios, palavras de usos comuns. Em português dizemos *drive thru* para se referir a comprar de um determinado produto sem sair do carro, na tradução do português para Libras podemos nos referir aos empréstimos tanto da língua portuguesa, como também de outras língua de sinais.



Procedimento 2 - Decalque

Vinay e Darbelnet (2004) explica que é um modo especial de empréstimos no qual uma expressão ou um palavra de um idioma é utilizado em outro, dando um novo sentido. Na tradução do português para Libras, “esse procedimento pode acontecer evidenciando-se a interpretação literal de um segmento de texto ou pela soletração manual do nome de uma instituição” (ALBRES e SANTIAGO, 2012)

Procedimento 3 - Transposição

Segundo Vinay e Darbelnet (2004), "o método chamado transposição envolve a substituição de uma classe gramatical por outra, sem, entretanto, alterar o significado da mensagem". Albres e Santiago (2012) esclarecem, como ocorre a tradução do português para Libras usando o procedimento de transposição.

A ideia de transposição na interpretação do português para Libras ainda é algo a ser estudado profundamente. Uma palavra no português observado em uma determinada sentença é subjugada a uma única categorial gramatical, na Libras, por conta das características da modalidade da língua visual espacial, um mesmo sinal pode simultaneamente indicar o sujeito oculto, o verbo e adjetivação da ação ou do sujeito. (ALBRES e SANTIAGO, 2012)

Procedimento 4 - Modulação

Vinay e Darbelnet (2004) explica a modulação como "uma variação na forma da mensagem obtida por uma mudança no ponto de vista. Essa mudança pode ser justificada quando, apesar da tradução literal ou de uma transposição, a tradução, embora gramaticalmente correta, é considerada inadequada na Língua de chegada." É como envolver expressões idiomáticas ou metáforas das duas línguas, portanto é dever do Tradutor Intérprete conhecer e estudar esse aspecto. Muitas vezes, faz modulações também quando alteramos a frase com a palavras negativas para positivas para reduzir o número de palavras na tradução. Por exemplo, em português podemos dizer: “Não é tão difícil mostrar.” traduzido para Libras ficaria: “FÁCIL MOSTRAR”.

Procedimento 5 - Equivalência



Segundo Barbosa (2004), a “equivalência consiste em substituir um segmento do texto da língua de origem por outro segmento da língua traduzida, que não o traduz literalmente, mas que é funcionalmente equivalente”. Segundo a autora, esse procedimento é empregado quando faz o uso de clichês, expressões idiomáticas, provérbios, ditos populares e outros elementos que são da própria língua.

Procedimento 6 - Adaptação

Segundo Aubert (1998) é um procedimento predominantemente cultural, é utilizado quando a tradução não é possível, quando o receptor da língua de chegada não irá entender no mesmo grau que o receptor da língua fonte. Este procedimento é muito usado quando quando texto apresenta aspectos extremamente culturais, estendendo ao público alvo, como por exemplo, personagens de folclores, histórias culturais, hábitos e costumes. Para que o público alvo possa entender determinados contextos através da sua própria cultura.

Procedimento 7 - Tradução literal

Como já mencionamos, é a tradução palavra por palavra, mas só é possível quando existe uma total equivalencia da estrutura gramatical entre dois idioma. Na tradução de português para Libras, quando ocorre uma tradução literal, é o que chamamos de “português sinalizado”.

REFERENCIAL TEÓRICO

O ato de traduzir é um dos ofício mais antigo da humanidade, e está associado a muitos acontecimentos importantes, envolvendo povos que utilizavam línguas diferente para se comunicar. Segundo Milton (2010), há demasiadas referências ao tradutor tendo um papel social, promovendo o bem comum e o intercâmbio visual, oral e escrito das informações que os envolvidos precisam para efetivar uma relação. As obras literárias do século XVI foram o início dos estudos e do fazer da tradução, começando pelo livro mais traduzido atualmente, a bíblia, a princípio escrita primeiramente em grego, hebraico e aramaico. Devido a busca insaciável de adquirir este livro, especialmente na Europa, convocaram tradutores para traduzir para o Latim passando a circular de forma acessível por todos os continentes. Nos séculos posteriores, o mesmo acontece com as obras literárias das literaturas Espanholas, Francesas e Inglesas. (MILTON, 2010).



Uma vez que as línguas naturais foram se valorizando, a presença de tradutores se fez necessário para ter acesso a determinadas informações escrita ou oral em outro idioma, assim sendo, os surdos sempre estiveram presente na sociedade, e sempre passaram a usar uma forma de se comunicar com o mundo, por isso, excessivas pesquisas linguísticas buscaram fundamentar que as línguas de sinais poderiam ser comparadas às línguas orais em complexidade, singularidade e expressividade (DUARTE, 2013). Skliar (1998) e Quadros (1997) comprovam em suas pesquisas, que as línguas de sinais são línguas naturais adquirida espontaneamente e sempre foi a língua de natureza dos indivíduos surdos, possibilitando que compartilhem e explorem as normas de uso dessa língua, já que fazem uso frequente como forma de comunicação eficaz e eficiente, anulando a deficiência linguística.

A comunicação sempre esteve presente na vida da humanidade e com o povo surdo não é diferente, já que espontaneamente estão inseridos na sociedade, assim declarou Strobel que a:

presença do povo surdo é tão antiga quanto à humanidade. Sempre existiram surdos. O que acontece, porém, é que nos diferentes momentos históricos nem sempre eles foram respeitados em suas diferenças ou mesmo reconhecidos como seres humanos (STROBEL, 2008b. p.42).

No Brasil a língua majoritária do país é a língua portuguesa, e sua modalidade é oral, mas, para os surdos, os fatos são diferentes. Comunicam pela língua de sinais, na modalidade visual motora, com sua própria estrutura linguística, com processo constante e gradativo de variação e transformação e, por isso, são caracterizados como um grupo linguisticamente minoritário, e não como um desvio da normalidade. Dessa forma, os surdos enfrentam obstáculos para se relacionar socialmente de forma eficaz. (QUADROS e PERLIN, 2007).

Para o surdo ter acesso às informações, sempre houve Tradutores e Intérpretes informalmente e formalmente auxiliando e mediando na comunicação. Em atividades voluntárias, filhos ouvintes de pais surdos, familiares e amigos aprenderam a língua, e passaram a atuar voluntariamente facilitando o seu intercâmbio com o mundo. Somente a partir de 1980, no contexto religioso que as atividades de tradução e interpretação se iniciaram, ao passo que naquela época não tinha curso de formação para atuação, uma vez que não havia espaços onde a língua de sinais fosse ensinada.

Em relação a trajetória dos Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais, Rodrigues e Valente (2011) descreveram que a medida que as políticas educacionais e linguísticas avançavam, começou a surgir a necessidade de delinear a regulamentação da profissão, já que



está categoria acompanhava todas as movimentações oriundas da comunidade surda. Com o surgimento de associações de Intérpretes, principiaram a fortalecer a classe, com a colaboração da comunidade surda, que aos poucos a categoria foram ganhando espaço em eventos como, o I Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais, realizado no Rio de Janeiro e organizado pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis), em 1988, o II Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais, também organizado pela Feneis, realizado em 1992 no Rio de Janeiro, I Encontro Nordeste de Intérpretes de Libras, realizado em João Pessoa, em 1998, I Seminário de Intérpretes, realizado em São Paulo, em 2001, I e II Encontro de Intérpretes do estado de Santa Catarina, realizados em Florianópolis, respectivamente, no ano de 2004 e 2005 e demais encontros até atualmente. (RODRIGUES;VALENTE, 2001 p. 17)

Pouco reconhecida a profissão tradutor e intérprete de Libras, ainda se vê baseada na experiência adquirida em outros contextos e em alguns momentos atuando de forma inesperada, exercendo a sua profissão vinculado ao contexto de inserção. (SANTOS, 2017).

O Tradutor e Intérprete de Libras, é aquele que executa um trabalho intelectual transpondo informações de uma língua para outra, causando um rendimento físico e mental, envolvendo a interação social e cultural, podendo repassar na mesma proporção qualitativa todas as informações ou parte dela, já que possui o poder de influenciar o objeto e o produto da interpretação. A ação de traduzir e interpretar requer o uso cognitivo linguístico, pois, o raciocínio do tradutor e intérprete, sua memória e agilidade são constantemente requisitados. Considerando como um problema mal resolvido que precisa de solução, dado que que, precisa entender o que ouve e fazer a acomodação na sua memória de curto prazo, em especial o intérprete deve organizar a informação, e saber qual sinalização em Libras é correspondente a dada sentença do português ou vice-versa, desse modo, precisa exercitar um policiamento constante do que ouviu, leu ou visualizou. Para Milton (2010) a obra “A tarefa do tradutor” de Walter Benjamin, é que a “tradução verdadeira traduz a forma da obra-fonte”, ampliando as possibilidades da língua e manifestando “o relacionamento central e recíproco entre línguas”.

Atualmente os tradutores e intérpretes se encontram presentes em diversos espaços, no âmbito midiático, na saúde, em conferências, no meio social, empresarial, jurídico, e especialmente na educação, já que as políticas linguísticas brasileiras favorece a educação para surdos, por isso, a crescente necessidade de Intérpretes Educacionais se faz cada vez necessário desde do ensino fundamental ao nível superior. Segundo Albres (2015), “os intérpretes de língua de sinais procuraram de alguma forma aprofundar-se nessa atuação



realizando encontros para discutir a práticas da interpretação”. Já que a atuação dos tradutores e intérpretes de Língua de Sinais na esfera social promovia grandes discussões, ficando como segundo plano o exercício destes profissionais no campo da educação. O Ministério da Educação e Cultura (MEC) afirma que não existe uma formação para os intérpretes educacionais de língua de sinais, mas determina que os intérpretes devem ser fluentes nos dois pares linguísticos (BRASIL, 1997b).

Devido o reconhecimento do status linguístico da Língua Brasileira de Sinais e a afirmação de políticas públicas, a procura por profissionais tradutores e intérprete cresceu consideravelmente, em razão disso, muitos ouvintes fluentes em Libras, sem uma formação inerente a função assumiram tais cargos (RODRIGUES, 2014 p. 37). Para exercer a função de Tradutor e Intérprete com comprometimento e seriedade é preciso que o indivíduo procure uma formação inicial e continuada ao longo da sua carreira. Caribé e Costa (2012) enfatizam, que é importante que o Tradutor e Intérprete procure uma formação relacionada à tradução e que lhe ofereça preparo teórico e prático de forma objetiva. A Lei 12.319 dispõe da obrigatoriedade para a formação desses profissionais.

Art. 4º - A formação profissional do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

- I - Cursos de educação profissional reconhecidos pelo Sistema que os credenciou;
- II - Cursos de extensão universitária; e
- III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por Secretarias de Educação.

Parágrafo único.

A formação de tradutor e intérprete de Libras pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III. (BRASIL, 2010)

Porém, o grande desafio de muitos tradutores e intérpretes é que ainda não possui uma formação pertinente em todas essas áreas, dificultando a atuação em algumas delas. Um conceito que o Tradutor e Intérprete precisa conhecer desde cedo, é o de **terminologia**, ao utilizar essas palavras e sinais, estaremos nos referindo ao vocabulário especializado de determinada área. Um estudo terminológico sobre determinada área geralmente tem como produto final um **glossário**, sendo um agrupamento geral de palavras de determinada língua, com sentido terminológico. Na construção do glossário, o Tradutor e Intérprete precisa de referências de um profissional que conheça as terminologias para que possa entender tais



termos. A elaboração deste glossário em Língua de Sinais, se dar através de filmagens ou desenhos representativos, embora, muitos utilizem o *signwriting* (escrita de sinas). Então, para que o Tradutor e Intérprete consiga atuar em mais de uma área, é essencial que estude bastante, através dos glossários e faça muitas pesquisas.

Além, da formação teórica, também precisa traduzir e interpretar em quantidade textos na modalidade oral e sinalizada, para que possa colocar em prática o conhecimento teórico e ganhar habilidades qualitativas tradutórias. O Tradutor e Intérprete precisa estudar e dominar, antes de tudo a língua portuguesa em suas quatro habilidades linguísticas (falar, ouvir, ler e escrever), lendo e escrevendo de forma articulada e falando com segurança e repertório, com o objetivo de evitar artifícios que prejudiquem o seu trabalho. Em seguida, ter fluência em língua de sinais, assim como qualquer outro idioma, precisa-se ter contato com nativos para desenvolver a aquisição da língua. Ressalta-se que quando menciona o uso mais apropriado da língua portuguesa ou da língua de sinais nas interpretações e traduções, fala-se daquele conhecimento do que chamamos de variante linguística norma culta. Sendo assim, conhecer a Gramática da Língua Portuguesa e da língua de sinais e aplicá-la, segundo esse padrão, nas traduções e interpretações beneficiará o trabalho e todos os que estão envolvidos. Partindo do pressuposto, que esse diálogo só será bem sucedido, com muito estudo, empenho e prática.

Para ser um excelente Tradutor e Intérprete não é suficiente decorar sinais ou palavras e estudar os aspectos gramaticais da Libras, é preciso adentrar sobre a cultura do povo surdo para ter domínio pleno do idioma. Para Strobel (2008), é por meio da cultura que um povo se constitui, integra e identifica as pessoas, ajudando a construir as identidade. Pois, o povo surdo é representada pelo seu mundo visual e para representação social os surdos precisam se submeter a cultura dos ouvintes, permitindo ao povo surdo o empenho de se igualar aos ouvintes, procurando agradar a sociedade e usando as identidades mascaradas. Mas com a ética e a neutralidades, o papel do tradutor e intérprete é mediar culturalmente esses dois ‘mundos’, sendo um agente bicultural. Um das formas do profissional ter conhecimento e acesso a informações sobre esses aspectos, propõe a leitura de literaturas como uma das alternativas mais seguras de obter conhecimento da cultura surda, através de relatos mencionado por outros autores que puderam ter acesso a culturas distantes e entender a construção e o desenvolvimento de tal.

Para isso, o profissional precisa se atentar, além da cultura, as competências necessárias para atuar como Tradutor e Intérprete, uma vez que, competências são conjuntos



de saberes, conhecimentos e habilidade em uma determinada área, além de ser adquirido ao longo de um processo consciente e contínuo de formação, precisa ser trabalhado em um longo prazo. Deste modo, Gonçalves e Machado (2006) nos ajudam a entender sobre as competências do Tradutor e Intérprete, apresentando de um modo geral o ensino da tradução no Brasil, contribuindo para o entendimento das competências tradutórias, os autores listam dezessete categorias referente às competências e as subcompetências que os tradutores e intérpretes precisam ter, são algumas delas:

- i. Competências linguísticas na língua materna;
- ii. Competências linguísticas da segunda língua;
- iii. Competências pragmática e sociolinguístico da língua materna e da segunda língua;
- iv. Conhecimento de ambas as culturas das línguas de trabalho;
- v. Conhecimento declarativos sobre tradução;
- vi. Conhecimento relacionado à prática profissional;
- vii. Aspectos cognitivos;
- viii. Aspectos emocionais subjetivo;

A categoria (i) - Competências linguísticas na língua materna, refere aos conhecimentos inerentes do sistema linguístico escrito e oral da língua materna, sendo a fonologia, morfologia, semântica e a pragmática, a categoria (ii) Competências linguísticas da segunda língua, envolve o nível de fluência na segunda língua, assim como a categoria anterior, deverá ter conhecimentos pertinentes ao sistema linguística da língua em questão. A categoria (iii) - Competências pragmática e sociolinguístico da língua materna e da segunda língua, esta categoria contorna os conhecimentos referente ao domínio de estratégias macrotextuais e de contextualização, da língua materna e da segunda língua. A categoria (iv) - Conhecimento de ambas as culturas das línguas de trabalho, este conhecimento rodeia as subcompetências extralinguísticas, Gonçalves (2006) determina como conhecimentos declarativos e procedimentais. A categoria (v) - Conhecimento declarativos sobre tradução, esta categoria envolve os conhecimento referente as teorias da tradução. A categoria (vi) - Conhecimento relacionado à prática profissional, envolve as questões sociointerativo do campo profissional do Tradutor e Intérprete, incluindo o uso de recursos de pesquisas e referências. A categoria (vii) - Aspectos cognitivos, está relacionado aos conhecimentos procedimentais, envolvendo todos os processos mentais durante tradução e interpretação. E a categoria (viii) - Aspectos emocionais subjetivo, é o campo que envolve a subjetividade e a



influência que o Tradutor e Intérprete pode exercer em um determinado trabalho (GONÇALVES;MACHADO, 2006) .

Com o passar do tempo, diferentes organizações nas três esferas manifestaram colaborações para a atuação destes profissionais, bem como nortear as práticas tradutórias e interpretativas, uma das forma de orientar estes profissionais é a criação de um Código de Conduta e Ética. Esta ética que permeia o campo da tradução e interpretação, consistindo na escolha de como se portar e de como comportar-se. Vasquez (1982) expõe em seu livro, que “ética é a ciência de uma forma específica de comportamento humano” Esquerda (1999) discute a questão da ética na tradução, mencionando um ponto essencial, o reconhecimento do tradutor como profissional e, de preferência, como profissional ético que se preocupa com o seu modo de agir no exercício de sua profissão, além de expressar como a ética deve ser abordada.

A ética a ser seguida pelo tradutor talvez seja aquela que valorize sua experiência enquanto profissional habilitado, instrumentado, ativo e atuante em uma determinada sociedade. Assim, estando eticamente conscientes de seu trabalho é que os tradutores podem obter respeito, não em relação ao original, mas em relação ao ato de traduzir, de interpretar, de recriar, garantindo a si próprio exercer sua atividade com consciência e dignidade. Garantindo, outrossim, sua visibilidade e, porventura, reconhecimento (ESQUERDA, 1999).

Santos (2017) menciona que, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) ocupou um papel incomparável, normatizando as condutas éticas orientando as práticas daqueles que exercem a função. A Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia Intérpretes de Língua de Sinais (FEBRAPILS), organização máxima de representação destes profissionais normatizou a atuação no âmbito nacional com o seu Código de Conduta e Ética.

Tal código de conduta e ética foi publicado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), através do livro intitulado “O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa”, difundindo as melhores práticas para os Tradutores e Intérpretes de língua de sinais, sendo a:

- a) confiabilidade (sigilo profissional);
- b) imparcialidade (o intérprete deve ser neutro e não interferir com opiniões próprias);
- c) discrição (o intérprete deve estabelecer limites no seu envolvimento durante a atuação);
- d) distância profissional (o profissional intérprete e sua vida pessoal são separados);
- e) fidelidade (a interpretação deve ser fiel, o intérprete não pode alterar a informação por querer ajudar ou ter opiniões a respeito



de algum assunto, o objetivo da interpretação é passar o que realmente foi dito). (QUADROS,2004)

Tradução e Interpretação: Teoria e a prática

Para entender um pouco sobre a teoria e prática da tradução e interpretação, precisa entender a diferença entre o Tradutor e o Intérprete. O tradutor é responsável pela tradução no âmbito da escrita, sempre terá mais tempo para examinar em matérias de ofício como, dicionários, livros, internet, pois um tradutor comprometido precisa fazer uma pesquisa terminológica para que possa entender o contexto da palavra, e assim, decidir qual tradução aderir. Enquanto, o intérprete trabalha com a forma oral ou gestual e instantânea ou consecutiva de tradução. Segundo Metzger (2002), o ponto comum entre o tradutor e o intérprete é o trabalho com texto e com a segunda língua, pois segundo a autora “a tradução e a interpretação lidam com um determinado texto em outra língua”. Pereira (2008) argumenta a questão dos intérpretes de libras.

Ser intérprete é ser, intrinsecamente, um profissional atormentado por ter que estar presente e fingir-se invisível, algo ainda mais impensável para um intérprete de uma língua que é percebida prioritariamente pelo canal visual, como uma língua de sinais; e por não poder ser o ‘eu’ nem o ‘tu’ plenamente, por estar sempre em uma posição instável e escorregadia de um simbiótico locutor-interlocutor. Estes conflitos são maximizados por estereótipos dos quais é difícil nos livrarmos, tais como o velho e surrado traduttori, tradittori, que coloca a profissão sob permanente desconfiança, pois se algo vai mal no ato de linguagem, o primeiro a ser apontado como culpado é o intérprete. Em obras que tratam das pessoas surdas e em que é necessária a interpretação de língua de sinais, esta desconfiança também é demonstrada. (PEREIRA, 2008)

A tradução é um tipo de interpretação de determinado texto escrito ou em vídeo, pois, ao decidir as palavras ou os sinais que serão empregadas no texto ou na gravação em elaboração, o tradutor interpreta os períodos que leu e os reescreve com essas palavras ou sinais selecionadas na língua de chegada.

Há dois tipos de interpretação mais utilizada pelos intérpretes, que requerem habilidades específicas: a **interpretação simultânea** e a **interpretação consecutiva**. Para Magalhães Jr (2007), o conceito de interpretação simultânea é que, “o intérprete vai repetindo na língua de chegada cada palavra ou idéia apresentada pelo palestrante na língua de partida”.



O Intérprete, como já mencionado anteriormente, precisa ter uma memória de curto prazo excelente, rapidez de escolhas tradutórias, competências, conhecimentos dos pares linguísticos e da cultura. A tradução simultânea acontece no mesmo momento em que o orador está proferindo um discurso, sem aumentar o tempo do evento. No caso dos intérpretes de línguas orais, fazer uso de recursos técnico melhora a atuação, como cabine para o intérprete e fones de ouvidos e microfone. À medida que, os Intérpretes de língua de sinais estão posicionado no palco ou ao lado do orador, para que o surdo consigo acompanhar visualmente tanto o intérprete e o orador e os intérpretes de apoio em frente ao intérprete que está sinalizando, e sempre quando a interpretação é Libras para Português, os intérpretes se posiciona em frente ao sinalizante e o intérprete de apoio ao lado do intérprete voz.

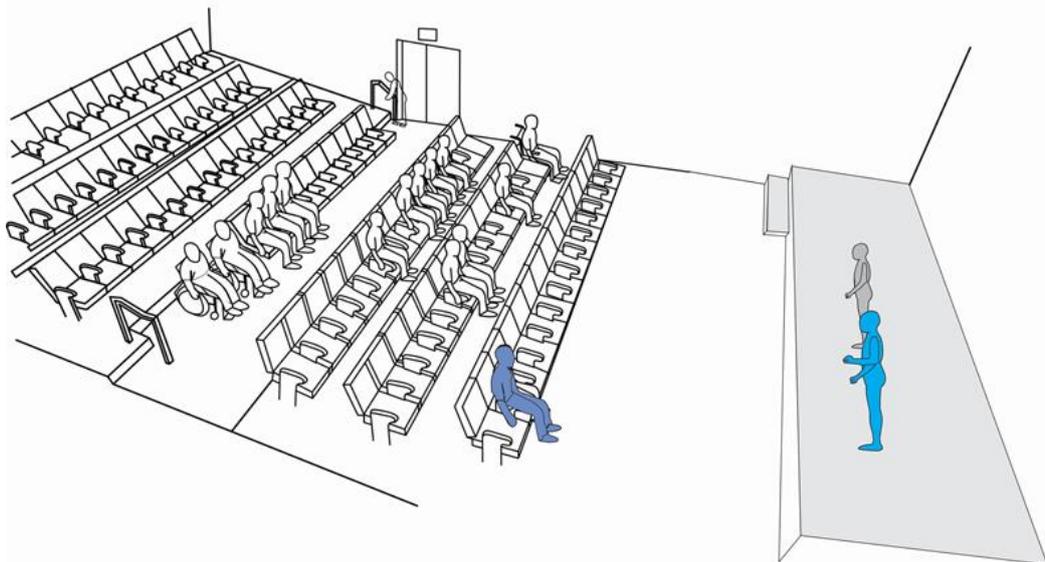


Figura 1

Na tradução consecutiva, explica Magalhães Jr (2007), “a pessoa que tem a palavra faz pausas periódicas em sua fala, a fim de permitir que o intérprete faça o translado da língua original (língua fonte ou língua de partida) à língua dos ouvintes (língua-meta ou língua de chegada)”. Não requer recurso técnicos ou adicional, apenas um bloco de nota para anotações da fala, em seguida reproduz um texto em suas próprias palavras.

Como mencionado por Magalhães Jr. na tradução e na interpretação envolve-se os termos língua fonte e língua de chegada. Quando refere a língua fonte, “é a língua a partir da qual se traduz ou interpreta, a língua em que se encontra o documento ou discurso original”. No mesmo caminho, a língua de chegada “é a língua para qual se traduz ou interpreta”, ou seja, é o produto final desse processo. (MAGALHÃES, 2007)



Para Catford (1965), os estudos da tradução utilizam como base estrutural as teorias dos pares linguísticas, pois o tradutor trabalha no envolvimento e na relação entre línguas; e por existir essa relação, ele afirma que a tradução é possível entre qualquer par de idiomas ou de dialetos, dado pôr que o processo de comunicação é algo essencial ao ser humano, o autor ainda afirma que a tradução é sempre desenvolvida de uma língua fonte para a língua de chegada.

Pym (1956) esclarece, quando os tradutores passam a usar “nomes para as coisas e inter-relacionar, tendem a dar origem a modelos de tradução e esses modelos nunca são neutros, frequentemente ocultam algumas ideias ou guias bastante poderosas que podem formar uma cena coerente o bastante para ser chamado de teoria”. Os tradutores e intérpretes teorizam o tempo inteiro durante a atuação, porém alguns não conseguem expressar sua capacidade em termos técnicos, ter conhecimento a respeito de teorias variadas pode trazer algumas vantagens na confrontação de problemas em relação à resolução de uma solução tradutória. Esse conjunto de teoria pode ajudar o tradutor a realizar seu trabalho mais rapidamente e de maneira mais eficiente, fornecendo ferramentas para que possam defender sua colocação a determinadas escolhas tradutórias, mas também a ajudar a encontrar meios alternativos durante a tradução.

A Teoria da equivalência é uma das bases das teorias da tradução, segundo Pym (1956), a teoria da equivalência, é quando uma determinada tradução em algum momento terá o mesmo valor que o seu texto de partida corresponde. O estudo terminológico da palavra “equivalência” significa “mesmo valor”, e “que essa semelhança seria aquilo que diferencia as tradução de outros tipos de texto”. Às vezes esse valor podemos encontrar no nível da forma, no âmbito de referência e ao nível da função.

A **tradução equivalente**, é aquela em que foi julgado o mais relevante em um processo de tradução, que é a equivalência da oração, principalmente quando há expressões idiomáticas. Para ter um equivalencia real procura se na língua de chegada uma oração que seja equivalente a língua fonte. Sendo assim, Nida (1964) expõe dois tipos de equivalência. A equivalência forma, tende a beneficiar a língua fonte, podendo criar um estranhamento na língua de chegada, podendo a compreensão não ser rápida. No texto escrito pode fazer uso das notas de rodapé para explicar determinadas perspectivas culturais. E a equivalência dinâmica, o foco será o leitor ou receptor da mensagem, buscando estratégias para que possa entender de forma imediata a mensagem que está recebendo.



Além da tradução equivalente, temos a tradução palavra por palavra e a tradução literal, na **tradução palavra por palavra**, Barbosa (2004) menciona, é quando, o texto na língua fonte é traduzido para a língua de chegada, mantendo a mesma ordem sintática e semântico da língua fonte. A tradução do português para Libras condiz ao que chamamos de “português sinalizado”, não contemplando o sistema linguístico da língua de chegada. Enquanto, na **tradução literal** é feito uma adequação levando em consideração a gramática da língua de chegada, às vezes, não apresentando uma equivalência, ou seja, “é aquela que mantém a semântica escrita, adequando a morfossintaxe às normas gramaticais da língua de tradução” (BARBOSA, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, o levantamento bibliográfico realizado neste trabalho demonstra aspectos significativos sobre o qual é o papel do tradutor e intérprete de língua de sinais. De acordo com a pesquisa concluímos que a temática exposta requer uma reflexão permanente, visto que o papel do tradutor e intérprete de Língua de sinais está firmando-se somente agora.

Identificamos tal perspectiva no cenário brasileiro com relação a formação do tradutor e intérprete de Libras, sua conduta e ética no exercício da função, as competências necessárias para atuação, os procedimentos tradutórios para executar de forma qualitativa uma interpretação e tradução, levando em conta os aspectos linguísticos de cada idioma envolvido.

Com relação aos aspectos das competências tradutórias, mostra ser essencial para para o desenvolvimento do trabalho, podemos afirmar que é um tema de grande importância para os Tradutores e Intérpretes de Língua de sinais, pois como já mencionado, os surdos é o público alvo e com isso, exigem profissionais com competências necessárias para realizar uma excelente interpretação, sem que saiam prejudicado. Já que o Tradutor e Intérprete é o mediador de informação e está presente para quebrar todas as barreiras comunicacionais existente em determinado contexto. O acesso para obter mais conhecimento na área se dá através de livros, artigos, revistas, sites, respectivos à tradução, sendo de línguas orais ou de línguas de sinais.



Os procedimentos tradutórios foram apresentados elementos lingüísticos que servem como base para a atuação. A teoria pode ser a prática pensada e melhorada a todo instante pelo tradutor e intérprete de Libras. O quanto somos produtores de teorias durante a execução da atividade, teorias estas, que não conhecemos em questões terminológicas.

A partir da bibliográfica levanta, faz-se necessário apontar aspectos importante para o desenvolvimento da atividade do profissional, objetivando a construção de quantitativa e qualitativa em matérias que circundam o trabalho dos Tradutores e Intérprete de Libras. Nossa averigação restringiu-se aos matérias de língua orais e aspectos lingüísticos da língua de sinais, pois há poucas publicações sobre tradução em língua de sinais. Desde modo, os dados aqui compilados servem de bases para novas pesquisas relacionada ao Tradutores e Intérprete de Língua de Sinais.

REFERÊNCIAS

AUBERT, F. H. **Translation Modalities: A Descriptive Model for Quantitative Studies.** In: *Translatology. Romansh. Forum 6.* Oslo: Universidade de Oslo, 3-28, 1998.

BARBOSA, H. G. **Procedimentos Técnicos da tradução: uma nova proposta.** 2^a ed. Campinas: Pontes. 2004

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretária de Educação Especial. **A educação de surdo.** Brasília: MEC/SEESP, 1997b

BRASIL. **Lei 10.436, de 24 de abril de 2002,** que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras.

BRASIL. **Decreto 5.626 de 22 de setembro de 2005.** Regulamenta a lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispões sobre a Língua Brasileira de Sinais.

BRASIL. **Lei 12.319, de 1 de setembro de 2010,** que regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

NASCIMENTO, Vinicius; NOGUEIRA, Thiago Coimbra. **Interpretação de Conferências: semelhança da atuação dos intérpretes de língua de sinais e de língua de sinais na Cabine.** Figura 1. 2017. In: XIII Congressos Internacional da Associação Brasileira de Tradutores e Intérprete.

CARIBÉ, Y. J. A.; DA COSTA, M. J. **Panorama sobre o ensino de Tradução no Brasil.** In: LUNA, M. J. de M.; MOURA, V. (orgs.). *Língua e Literatura: perspectivas teórico-práticas.* Recife: EDUFPE, 2012.



CATFORD, J. C. **A Linguistic Theory of Translation — An Essay in Applied Linguistics.** Oxford: Oxford University Press, 1965.

DUARTE, Soraya Bianca Reis et al. **Aspectos históricos e socioculturais da população surda.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, n.4, out.-dez. 2013, p.1713-1734.

ESQUEDA, Marileide D. **Teorias de tradução e a questão da ética.** Mimesis, Bauru, v. 20, n.1, p. 49-55, 1999.

Estudos surdos II / Ronice Muller de Quadros e Gladis Perlin (organizadoras). - Petrópolis, RJ: Arara azul, 2007.

GONÇALVES, J. L. & MACHADO, I. T. N. **Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor.** In M. L. Vasconcellos; A. PAGANO (Orgs.). Cadernos de Tradução XVII. UFSC, 2006.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental.** 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2011. cap. 2

Libras e sua tradução em pesquisa: interfaces, reflexões e metodologias / Neiva de Aquino Albres (organizadora). - Florianópolis : Biblioteca Universitária ufsc, 2017. 244p.

Libras em estudo: tradução e interpretação / Neiva de Aquino Albres e Vânia de Aquino Albres Santiago (organizadoras) - São Paulo: FENEIS, 2012. 219p.

MAGALHÃES JR., Ewandro. **Sua majestade, o intérprete – o fascinante mundo da tradução simultânea.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

METZHER, Melanie. **Sign Language Interpreting. Deconstructing the Myth of Neutrality.** Washington: Gallaudet University Press, 2002.

MILTON, John, 1956 -**Tradução : Teoria e prática** / John Milton. - 3 ed. - São Paulo : Martins Fontes, 2010.

NIDA, E. A. **Toward a science of translating.** Leiden: E. J. Brill. 1964

PEREIRA, Maria Cristina Pires. “**Interpretação intrelíngüe: as especificidades da interpretação de língua de sinais**” In Cadernos de Tradução XXI, 2008/1, no prelo.

UNINOVE. **Estudos da tradução.**São Paulo. 2017

PYM, Anthony, 1956 - **Explorando as teorias da tradução** / Anthony Pym; [tradução Rodrigo Borges de Faveri, Claudia Borges de Faveri, Juliana Steil] 1. ed - São Paulo: Perspectiva, 2017

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa** / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília : MEC ; SEESP, 2004. 94 p. : il.



QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.

REIZ, Pedro. **Manual de técnicas de redação científica**. - 4 ed. - São Paulo : hyria, 2017. 340p.

RODRIGUES, Cristiane Seimetz; VALENTE, Flávia. / **Intérprete de Libras**. / Cristiane Seimetz Rodrigues; Flávia Valente. – Curitiba : IESDE Brasil S.A., 2011. 232 p.

SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação. 1998.

VASQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

VINAY, JP.; DARBELNET, J. "A Methodology for Translation". In: VENUTI, L. *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, 2004.